



Jantar-conferência REGIÃO DE LEIRIA

“Para voltar a atrair investimento, o país precisa de um choque de competitividade”

Reformas Os caminhos para um Portugal com futuro passam por um contexto amigo das empresas, que chame capital estrangeiro para novos projetos, afirmou Luís Amado, na noite que premiou oito empresários e gestores

Cláudio Garcia

O país aguenta mais austeridade? Precisamos de realismo ou é esperança que nos falta? No jantar-conferência “Caminhos para um Portugal com futuro”, promovido pelo REGIÃO DE LEIRIA, duas visões acerca de números e... pessoas. Para o antigo ministro Luís Amado, agora banqueiro, é ainda indispensável que “o Estado gaste menos, que as famílias poupem mais e que as empresas se desendividem”. Mas, na perspectiva de Domingues de Azevedo, bastonário dos Técnicos Oficiais de Contas, é já outro tempo, é o momento de juntar coração e razão. “As pessoas não são células de excel”, afirma. “Têm sonhos e ansiedades, choram, riem, e é preciso contar exatamente com esses sonhos”.

Foi uma noite calorosa, positiva, de emoções, com cerca de 300 convidados a prestar homenagem aos empresários

e gestores da região, em contraste com a frieza que vai endurecendo os dias. No Palace Hotel de Monte Real, sexta-feira, dia 23, Luís Amado e Domingues de Azevedo concordaram num ponto: o que aí vem exige coragem. “Vamos ter pela frente um ano absolutamente crítico para o futuro do país e da Europa, a tempestade perfeita conjuga-se”, antecipa o presidente do Banif, que integrou todos os governos de José Sócrates e é natural de Porto de Mós.

Para o antigo diplomata, ajustar é um verbo de conjugação inevitável, mas os caminhos de um Portugal com futuro passam por voltar a atrair investimento. E para tanto, diz, afigura-se obrigatório um choque de competitividade. “Temos que tornar o país amigo das empresas”, refere, notando que “o sector privado [é o] mais endividado da Europa e um dos mais endividados do mundo, o que significa que não há capital”.

Logo, conclui, a alternativa é atrair investimento estrangeiro através de um novo contexto, mais competitivo.

E se a situação é complexa, já se sabe, pior fica por depender de variáveis externas que Portugal não controla, nomeadamente a instabilidade do sistema financeiro internacional e a incerteza quanto à evolução das maiores economias. “Podemos estar a fazer o nosso trabalho ingloriamente porque tudo pode complicar-se na frente europeia e mundial”, admite Luís Amado.

Incerteza, por isso. Concordando com o ajustamento após “muitos anos numa ilusão” de consumo a crédito, Domingues de Azevedo afasta-se da estratégia do Governo quanto à dose de austeridade. “Como é que se quer resolver em três anos o que levou quase 40 a destruir, eu não consigo compreender”, desabafa, antevendo que o primeiro semestre de 2013 “vai ser a ferro e fogo”. Para o bastonário, “a carga fiscal de 2013 é incomportável”. O que leva à conclusão: “Estamos a morrer mais da cura e menos da doença”.

claudio.garcia
@regiaoделеiria.pt



As pessoas não são células de excel nem números, têm sonhos e ansiedades, choram, riem, e é preciso contar exatamente com esses sonhos. É neste ponto que estamos: uns fazem as asneiras e outros pagam-nas, ora isto não pode continuar a acontecer”

Domingues de Azevedo
Bastonário dos TOC



O ajustamento que estamos a fazer é muito difícil. Corrigir desequilíbrios de dez anos de ilusão de uma moeda comum e riqueza rápida com dinheiro fácil obriga a um esforço brutal de desvalorização dos salários e das prestações sociais”

Luís Amado
Presidente do Banif



01



02



05



06



“Empresas são elementos de estabilidade social”

Sempre apostado em lembrar que a economia são as pessoas, Domingues de Azevedo aproveitou a sua intervenção no jantar-conferência do REGIÃO DE LEIRIA, na sexta-feira, 23, para sublinhar que “as empresas são elementos de estabilidade social” e que esta dimensão demora a ser reconhecida pelo Estado, na leitura do bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas.

Para o antigo parlamentar do PS, “a visão que a administração fiscal continua a ter das empresas é que cada empresa é um potencial ladrão”, quando, na verdade, refere Domingues de Azevedo, é o próprio Estado que precisa de adotar um comportamento diferente para com os cidadãos. “Mais transparência na vida pública portuguesa é urgente ou então corremos sempre o risco de nunca termos receitas fiscais que cheguem”, afirma.

De acordo com o bastonário dos TOC, o Estado não aplica a si mesmo o rigor que exige aos contribuintes, apesar de prosseguir uma missão que aconselharia responsabilidade redobrada. “Quando um gestor público faz uma má gestão, fomos to-

dos nós que perdemos. Quem gere o público tem que fazer a melhor gestão de todas e nós infelizmente não vemos isso nos nossos governantes”, referiu Domingues de Azevedo, para quem “o grande desafio que se vai colocar à sociedade é exactamente o da transparência da vida pública”, que “está demasiado opaca para que os cidadãos a entendam e nela participem de corpo e alma”.

“As pessoas vão começar a questionar isto”, disse. “Não julguem que as manifestações que nós vemos aí na rua são apenas de pés descalços ou incultos que não sabem o que estão a fazer”.

Segundo Luís Amado, presidente do Banif, “tem faltado uma ação mais consistente na economia e no apoio às empresas”, por parte do executivo de Passos Coelho. Se o país precisa de estabilidade política, na opinião do antigo ministro de José Sócrates, que não se encanta com a ideia de eleições antecipadas, precisa também de estabilidade social, a qual requer “um grande esforço de mobilização da sociedade portuguesa”, disse, na intervenção que encerrou a conferência em Monte Real.



Se hoje temos um hospital reconhecido e prestigiado, isto deve-se a um trabalho coletivo (...) este prémio é de todos os profissionais do Centro Hospitalar de Leiria-Pombal”

Helder Roque

Administrador do Centro Hospitalar Leiria-Pombal e Troféu Gestor Público

Este prémio é mérito de toda a área internacional do Grupo Lena, que se soube adaptar às circunstâncias da vida, fazer-se à estrada e procurar mercado onde ele está”

António Barroca Rodrigues

Chairman do Grupo Lena, que recebeu o Troféu Internacional





03



04



07



08

01 Raul Castro (presidente da Câmara Municipal de Leiria) entrega o Troféu Gestor Público a Helder Roque (administrador do Centro Hospitalar Leiria-Pombal)

02 Rui Anastácio (proprietário do Cooking and Nature Emotional Hotel) recebe o Troféu Valorização Territorial das mãos de João Salgueiro (presidente da Câmara Municipal de Porto de Mós)

03 Jorge Santos (presidente da NERLEI) e Serafim Silva (administrador do Grupo Miramar, o Troféu Dinamismo Empresarial)

04 Narciso Mota (presidente da Câmara Municipal de Pombal) com Rúben Fonseca, administrador do Grupo Lusiaves (Troféu Modernização)

05 Coube a Alda Moreira (diretora comercial do REGIÃO DE LEIRIA) atribuir o Troféu Desenvolvimento Regional a Torres Paulo (presidente da Associação Nacional dos Produtores de Pera Rocha) e a Jorge Soares (presidente da Associação de Produtores de Maçã de Alcobaça)

06 Luís Amado (presidente do Banif) entrega o Troféu Internacional a António Barroca Rodrigues (*chairman* do Grupo Lena)

07 Domingues de Azevedo (bastonário dos TOC) com Cândido Ferreira, diretor clínico da Eurodial (Troféu Melhor Empresa)

08 Francisco Rebelo dos Santos (diretor do REGIÃO DE LEIRIA) atribui o Troféu Carreira ao empresário Arnaldo Matos

Fotos: Joaquim Dâmaso



No histórico Palace Hotel de Monte Real, voltaram a viver-se as emoções de uma noite especial. Manda a tradição que, uma vez por ano, o REGIÃO DE LEIRIA junte amigos, parceiros e colaboradores para homenagear as empresas e os gestores do distrito de Leiria e concelho de Ourém. E assim voltou a acontecer, na passada sexta-feira, 23. Entre conversas e sorrisos, trocaram-se ideias, confessaram-se projetos, recuperaram-se energias. Empresários, autarcas, dirigentes associativos, docentes, representantes da banca, entre outros, começaram juntos a vencer os desafios que aí vêm.

Fotos: Joaquim Dâmaso



Veja a galeria de fotos em regiaodeleiria.pt